

DAR A CARA



ELAD VAZANA

Um miúdo algemado e um sonho em que se viu criança em Portugal levaram o ex-soldado a unir israelitas e palestinianos num projecto de perdão. Contou-nos a história por Skype e este é um texto na primeira pessoa. Por Margarida Santos Lopes

Aos 18 anos, quando ingressei no Exército israelita, nunca tinha falado com um palestiniano. Na minha cabeça só havia uma certeza: não posso confiar nesta gente porque me querem matar. Nos três anos de tropa obrigatória, em Gaza e em Rafah, mas também em Ramallah, Nablus, Jenin e outras povoações da Cisjordânia, fui comandante de uma unidade de blindados. Revistava casas, controlava *checkpoints*, fazia patrulhas, lançava emboscadas, procurava suspeitos e armas...

Era um excelente comandante, mas tinha medo dos árabes. Ninguém gosta de servir nos territórios ocupados. Ficamos mais violentos depois de passarmos por ali. O grau de tensão e pavor é tão elevado que expele o que de mais extremista existe em nós. Não quero comparar a situação de um menino palestiniano que precisa de atravessar barreiras de estrada todos os dias para poder ir às aulas com a de um soldado, mas acreditem que este também se sente apavorado. Que alguém se faça explodir à sua frente, por exemplo.

Sei o que é a guerra e a ocupação. O momento em que comecei a transformar-me surgiu no decurso de uma operação militar em Jenin. Entrámos num bairro, noite cerrada. Era crucial que ninguém detectasse a nossa presença. De manhã, recebi uma ordem via rádio para avançar sozinho. Logo me deparei com um rapazito, de uns dez anos, sentado sobre uma pedra com um livro na mão. Fiquei sem reacção. Comuniquei com o meu superior: “Está aqui um miúdo, o que devo fazer?” Ele respondeu: “Ata-o, até acabarmos a missão.” Peguei numas algemas de plástico e amarrei as mãos e os pés da criança.

Senti-me muito mal. Ali estava eu, com 20 companheiros a apoiar-me, armado e com colete à prova de balas, todo-poderoso. Por que fiz aquilo? Voltei para trás e libertei-o. Ele olhou para mim, por segundos, e fugiu. Começámos a ouvir os aldeões a assobiar e a ulular, sinais de aviso de que havia soldados na área. A operação falhou. Não fui detido porque ninguém me denunciou. O mais importante, porém, foi ter despertado para ver a humanidade daquela criança.

O segundo momento transformativo ocorreu

em Maio de 2001, aos 29 anos, quando já dirigia a minha empresa de multimédia e *high-tech* em Telavive. Sonhei que também era um miúdo, de oito anos, a caminhar por uma aldeia, pequena e antiga, em Portugal. Não sei explicar porquê, porque nunca lá estivera. Foi um sonho de uma só noite, mas intenso. Quis saber mais sobre o país. Li muita coisa e comprei vários CD. Um deles, em particular, *Portugal: Music from the Edge of Europe* [que inclui Amália Rodrigues, Carlos Paredes, Sérgio Godinho, entre outros], fascinou-me. Gostei muito do fado.

Na mesma altura, conheci um professor de Antropologia que escrevera um livro sobre o meu trisavô, um rabi e curandeiro famoso nas montanhas Atlas em Marrocos, de onde os meus pais vieram, em 1955, para se fixarem em Israel. Nasci aqui, em 1972, no subúrbio de Ofakim, lugar onde nós, judeus *mizrahim* [de origem no Magrebe e Mashreq] éramos mal-encarados como árabes e ensinados a odiar os árabes. O meu antepassado exorcizava demónios e rezava com os muçulmanos.

Senti uma vontade irresistível de conhecer as minhas raízes e de ir ao encontro do meu sonho. Precisei de quatro meses para terminar o projecto empresarial, vender a casa e romper o romance com a namorada. Comprei um bilhete para Málaga, em Espanha, fiz a mala e preparava-me para partir, no dia 11 de Setembro de 2001. Os atentados nos Estados Unidos adiaram o voo. Não desisti. Cheguei a Málaga e também não consegui visto para Marrocos – a comunidade judaica aqui tem sido protegida, mas depois do 11/9 não era fácil um israelita entrar num país árabe.

Decidi ir para Córdova. Após breve estada, fui para uma estação rodoviária, hesitante sobre se haveria de seguir para Granada ou para Portugal. Decidi que apanharia o primeiro autocarro que aparecesse. Era o de Granada. Fiquei um ano e senti-me abraçado pela cidade. Aprendi a língua, a dançar flamenco e a fazer escultura em pedra. Abri um restaurante de sopas e ajudei a criar *websites* para empresas locais.

Um dia, no Miradouro de San Nicolás, em Alhambra, conheci um homem que me ofereceu boleia até Portugal. Aluguei a casa onde vivia e andámos de carro durante 13 horas até ao posto

fronteiriço de Cáceres. Fiquei três dias com outras pessoas que contemplavam a natureza. Uma tarde, fui passear à beira do rio Erges, que liga os dois países vizinhos por uma ponte romana, e avistei uma aldeia. De imediato, tive a sensação de que entrara no meu sonho.

Era a aldeia de Segura. Ali estavam as mesmas casas, pedras graníticas da calçada e até o edifício público que aparecera no meu sonho. Pensei: se estou aqui é porque deve haver um tesouro. Falei com uns velhotes e não encontrei nada de especial. Uma hora depois, voltei para Granada, mas ficou um vazio que, posteriormente, me fez ir a Lisboa e aí permanecer duas semanas.

Em Agosto de 2002, após seis meses em Granada, foi crescendo em mim a convicção de que se foi possível, nesta cidade, 700 anos de coexistência entre judeus, cristãos e muçulmanos eu teria de levar esta harmonia para Israel. Instalei-me a norte, não longe do mar da Galileia, e coloquei um anúncio num jornal a oferecer-me como mediador. É uma profissão que facilita a resolução de conflitos, na Educação, Justiça, Comércio... Fiquei responsável por 70 escolas.

O meu objectivo era organizar encontros na natureza com jovens israelitas e palestinianas. Os directores das escolas mostraram-se muito receptivos. Por volta de 2003, fundimo-nos com o Sulha Peace Project, que desde a Segunda Intifada de 2000 envolve adultos. *Sulha* é um ritual de reconciliação entre as tribos beduínas quando procuram pôr fim a contendas por vezes sangrentas. As tribos desavindas recorrem a uma terceira parte e marcam um ponto de encontro. Sentam-se em círculo, saboreiam a mesma refeição, bebem chá e café, enquanto cada um dos queixosos conta a sua versão dos acontecimentos. A tradição exige que a parte lesada deve ser indemnizada financeiramente, como forma de reconhecimento da dor e dos danos sofridos. Depois, as duas partes beligerantes pedem perdão uma à outra.

Assim procedemos nós. Israelitas e palestinianos. Judeus, cristãos, muçulmanos, beduínos, drusos, homens, mulheres, crianças. Cinco dias no deserto, em caminhadas, a comer, a cantar, a dançar e a partilhar narrativas pessoais. Numa

década, já juntámos mais de 20 mil pessoas. Trazer adolescentes de Gaza tem sido a parte mais difícil. Os autocarros esperam por vezes cinco a seis horas por uma autorização do exército, mas vale a pena.

Valorizo imenso o que eu faço com jovens de 16 e 17 anos. No caso dos judeus israelitas, quando vão cumprir o serviço militar, se encontrarem um palestiniano, talvez se interroguem sobre se ele não será familiar dos que se tornaram seus amigos. Aconteceu isso comigo. Estava a contar a minha experiência militar, e uma rapariga disse-me: “O meu irmão foi morto por soldados; era tão fácil odiá-los, mas agora vejo o seu rosto em cada um deles e penso: ‘Talvez este soldado seja como Elad, de quem eu gosto.’”

Uma das histórias que mais comovem quem me ouve é a da relação com o meu pai. Maltratou-me na infância, mas ao aproximar-se a hora da morte, passei os últimos três meses com ele num quarto de hospital. Durante esse tempo, esperei que me pedisse perdão. O tempo passava e eu não conseguia a minha *sulha*. Antes do último suspiro, porém, apertou a minha mão. De repente, eu já não precisava do pedido de perdão – era o meu ego que o exigia. Ele viu o meu sofrimento e aceitou-me como seu filho.

Com isto, não quero dizer que não seja fundamental dizer: “Lamento muito a dor que te causei.” Só que entre israelitas e palestinianos há tanta dor, tanto ódio, tanto trauma, tanta morte, que é demasiado pedir perdão. A simples expectativa do outro nos pedir desculpa já é frustrante. Apenas isso magoa. Nos encontros que organizo procuro, acima de tudo, aceitação mútua da nossa existência. A palavra “paz” tem sido tão abusada. Um palestiniano em Ramallah dirá que paz é ter o direito à liberdade; um israelita em Telavive dirá que paz é ter o direito à segurança. As definições são diferentes, o essencial é saber o que estamos dispostos a sacrificar para ter paz.

Mantenha a esperança. As revoluções no Médio Oriente vão abrir a porta da reconciliação. Sou testemunha de como é possível mudar uma pessoa em alguns minutos, falando com ela, olhos nos olhos. Quando nasceu o meu filho, que tem agora sete meses, peguei nele ao colo e prometi-lhe: “Vou melhorar o mundo!”